

CADERNOS
PROARQ 18

HELGA SANTOS DA SILVA E MAURO CÉSAR DE OLIVEIRA SANTOS

O significado do conforto no ambiente residencial

The meaning of comfort in residential environments

Helga Santos da Silva é Arquiteta, Doutora, Professora Auxiliar do Curso de Arquitetura e Urbanismo, Universidade Gama Filho (UGF-RJ), helga.s@bol.com.br

Mauro César de Oliveira Santos é Arquiteto, Doutor, Professor adjunto da Faculdade de Arquitetura e Urbanismo, Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ), mcosantos@ig.com.br

Helga Santos da Silva is Architect, PhD, Assistant Professor in the Architecture and Urbanism Course, Gama Filho University (UGF-RJ). helga.s@bol.com.br

Mauro César de Oliveira Santos is Architect, PhD, Associate Professor at the School of Architecture and Urbanism, Federal University of Rio de Janeiro (UFRJ). mcosantos@ig.com.br

RESUMO

Este artigo tem como tema o significado do conforto no ambiente construído, em especial o residencial, sendo resultado de uma pesquisa realizada para o desenvolvimento de tese de doutoramento (2011). Tem como principal objetivo o estudo desse significado, através de atributos que o compõem. O principal procedimento metodológico aqui utilizado foi a revisão bibliográfica, através de textos que fornecessem uma maior representatividade no campo da arquitetura. Para sistematizar essa investigação, trabalhou-se aqui com duas esferas, uma física e outra subjetiva, que reúnem os atributos do conforto. A primeira está relacionada aos anseios mais primitivos do ser humano, ligados a sua integridade física. Já a segunda, está relacionada com anseios mais subjetivos, que variam de acordo com o grupo social e sua cultura. Em uma linha evolutiva da ideia de conforto primeiro observa-se o surgimento dos atributos de contexto físico, e depois os de contexto subjetivo. No entanto, são esferas que se complementam, em uma relação de troca e dependência uma da outra. A importância deste artigo é sua contribuição na discussão acerca do tema do conforto não se limitando aos parâmetros ambientais, visão esta ainda amplamente difundida nos cursos de arquitetura e urbanismo.

Palavras-chaves: Conforto. Habitação. Arquitetura. Ambiente Construído.

ABSTRACT

The theme of this article is the meaning of comfort in built environments, especially residential ones, and stemmed from research conducted for elaborating a PhD thesis (2011). Its primary objective is to study this particular meaning of comfort, through the attributes that compose it. The main methodological procedure used was a literature review, via texts that are more representative of the field of architecture. In order to systematize this investigation, two spheres were worked with, one physical and the other subjective, which combine the attributes of comfort. The first is tied to the earliest anxieties of human beings, associated with their physical integrity. The second is related to more subjective desires, which vary according to the social group and its culture. With respect to the evolutionary development of the idea of comfort, the emergence of the attributes related to the physical context can be noted first, and then those from the subjective context. However, these spheres complement each other, in a relationship based on exchange and mutual dependence. The importance of this article lies in its contribution to the discussion regarding the topic of comfort not being limited to environmental parameters, a view that is still widely held in architecture and urbanism courses.

Keywords: *Comfort; Housing; Architecture; Built Environment.*

O conforto está sempre presente quando pensamos em qualificar um objeto, um espaço, como se ele fosse expressão máxima da adequação entre desenho e uso, resultando em uma satisfação pessoal plena. No entanto, como é difícil defini-lo. O conforto não admite generalizações. Varia de cultura a cultura; de pessoa a pessoa. Como então sintetizar seu significado?

Entender o significado de conforto foi a principal motivação da investigação da qual resulta este artigo. Logo, este artigo tem como objetivo estabelecer atributos que contribuam para delimitar o significado de conforto aplicado ao ambiente construído, em especial, à habitação. A abordagem deste tema justifica-se pela necessidade de ampliar a discussão sobre o sentido do conforto, tendo em vista que o entendimento desse conceito, no âmbito do ambiente construído, ainda está muito limitado à esfera ambiental.

Embora o conforto seja assunto corrente na literatura voltada para a arquitetura, tomei como principais referências para este estudo trabalhos que tratam do significado do conforto no ambiente construído. O primeiro, Witold Rybczynski (1996), trata a compreensão do sentido do conforto a partir de um todo, formado por camadas transparentes de sentido uma a uma adicionadas ao longo da história. O segundo, Aloísio Leoni Schmid (2005) estuda a forma como os sentidos interferem na percepção do conforto no ambiente construído, comprovando que não é apenas o sistema fisiológico que determina o conforto, mas também a expressividade que compreende os aspectos subjetivos.

A metodologia empregada para a realização desta pesquisa tem como suporte a revisão bibliográfica, que pode ser dividida em duas fases: uma primeira, onde foram analisados os dois textos que guiam esta pesquisa; e uma segunda fase, onde foram feitas as leituras de livros referentes à arquitetura, buscando-se o detalhamento dos atributos a serem estudados.

A análise se baseou na síntese da definição de conforto dada por Rybczynski (1996) e Schmid (2005). Dessa análise resultou a definição dos atributos, e a divisão dos mesmos em duas categorias principais – o contexto físico e o contexto subjetivo. Essa forma de categorizar não objetivou seccionar a ideia de conforto em duas. O que se pretende, é mostrar como os atributos se agrupam de acordo com suas ideias centrais, havendo, contudo, uma forte inter-relação entre ambos os contextos, como se um funcionasse como background para o outro.

Conforto e Habitação

A palavra conforto está envolta em uma área de subjetividade. O significado desta palavra no idioma português está relacionado à sensação de bem-estar, que é difícil de definir objetivamente, pois varia em cada meio cultural e para cada indivíduo. No entanto, seus sinônimos comodidade e alívio dão pistas de que há algo relacionado ao aconchego no primeiro, e da ausência de descon-

forto no segundo. A relação entre conforto e alívio está ligada ao caráter mais físico, enquanto a relação entre conforto e comodidade, ao caráter mais subjetivo. Podemos associar a noção de conforto ao que Christopher Alexander (1981) define como qualidade sem nome, que é objetiva, mas de difícil definição:

No se trata sólo de la simple belleza de la forma y el color. Esto el hombre puede lograrlo sin hacer naturaleza. No se trata únicamente de la adecuación al objeto. El hombre también puede lograrlo sin hacer naturaleza. Y no sólo se trata de la cualidad que proviene de la fe. El hombre también puede lograrlo sin hacer naturaleza. La cualidad sin nombre incluye estas cualidades más tiernas y sencillas. Pero al mismo tiempo es tan corriente que de alguna manera nos recuerda lo efímero de nuestra vida (Alexander, 1891, p. 43).

Alexander (Op. Cit.) afirma que esta qualidade é “objetiva”, e isto remete ao fato de que todo ser humano pode senti-la e ter consciência de tal sentimento. No entanto, quando menciona que qualidade precisa de um nome, é justamente sua definição que está ausente, em virtude do quão subjetivo é sua qualificação. Para o autor, várias seriam as palavras que poderiam de alguma forma dar nome àquela qualidade (vivente, integral, cômodo, livre, exata, eterna), mas nenhuma esgota plenamente seu significado.

A discussão acerca da qualidade aplicada ao ambiente é traçada por Alexander como meio de ratificar a importância da forma como se constrói. Para ele, existe uma forma de construir ligada a nossa natureza, que garante o desenvolvimento pleno da vida em tais ambientes. A esta forma de edificar ele denomina modo intemporal de construir, definido por um padrão originado de processos combinatórios diferentes, mas sempre similares em suas estruturas de conjunto e forma como operam (Alexander, 1981).

Para projetar cidades confortáveis, David Sucher (2010) propõe priorizar a convivência entre as pessoas. Para tanto, ele ressalta três regras para o zoneamento e desenho de cidades, que priorizam a interação ao caminhar: construir junto às calçadas; tornar a frente das construções permeáveis; e proibir o estacionamento em frente aos edifícios. Com isso, o próprio desenho das cidades, separando pedestres de automóveis, possibilitaria o melhor convívio entre as pessoas que se encontrariam ao caminhar, ao fazer compras e ao levar seus filhos para a recreação.

A convivência da população de uma cidade também é o segredo para proporcionar a segurança nas grandes cidades, visto que a circulação das pessoas nas calçadas, devidamente protegidas do trânsito de veículos, amplia a visibilidade das mesmas, afastando a possibilidade da prática de delitos. Tal visibilidade é ampliada pela visão proporcionada pelas aberturas das edificações próximas às calçadas (Jacobs, 2009). A segurança é um dos principais elementos que compõem o significado do conforto, como será mencionado adiante.

O objetivo da realização deste artigo é, contudo, tratar do espaço doméstico, que será aqui definido como um território protegido, onde se configuram as ativida-

des privadas de um habitante ou de uma família, bem como onde se abrigam suas memórias. É como afirma Jézabelle Ekambi-Schmidt (1974) uma concha humana ou uma esfera de apropriação pessoal definida pelo espaço privado.

(...) todo ser humano se cobija, se crea un espacio personal, un territorio móvil o inmóvil cuyas fronteras marca mediante limites simbólicos que se materializan con ciertos objetos rituales o mediante la existencia de techos y muros opacos y resistentes. Estos límites definen un “dentro” y un “fuera”, un “mi casa” y un “la casa de los otros”; pretenden aislar térmicamente, proteger de la intemperie, pero también proteger de la vista y el ruido, sostener un techo o una cubierta, y además materializar “una superficie vacía a llenar, a decorar” (Ekambi-Schmidt, 1974, p. 11).

A realização do conforto no ambiente doméstico perpassa pela noção de habitabilidade. Para Bollnow (2008), as propriedades da habitabilidade de um ambiente residencial são: ser um invólucro, apresentando-se como um refúgio em relação ao exterior; ter espaço dimensionado de acordo com as necessidades de quem nele vai habitar; ter móveis que preencham de forma adequada esse espaço; proporcionar conforto térmico; ter cuidado na arrumação do espaço; exprimir a identidade de quem habita; conter a memória da família que nele reside; e por fim, abrigar uma família.

A relação entre a noção de conforto e o contexto cultural está presente no estudo de Iñaki Ábalos (2008), que trata da influência da forma de pensar sobre a forma de morar. O sistema criado por Mies van der Rohe através de suas casas-pátio busca diversificar projetos residenciais baseados em tipos comuns, proporcionando privacidade e beleza. Na casa onde se vivencia o existencialismo, exemplificada pelo pequeno abrigo de férias de Heidegger, o espaço deve comportar os objetos importantes para a história pessoal de seu ocupante. Já na casa positivista, criada para a ficção, o conforto está centrado na eficiência, baseada na adequação entre o espaço e os equipamentos projetados para uma família modelo. O abstracionismo cartesiano do espaço proposto no ambiente modernista é deixado de lado na casa fenomenológica, onde os fenômenos ambientais deverão ser interpretados de forma subjetiva pelos que nela habitam. No loft, a continuidade espacial sugere a adequação espacial para a convivência entre diferentes atividades – trabalho, diversão e moradia. A desconstrução da casa se dá juntamente com a desconstrução da relação entre interior e exterior, bem como do público e do privado, no que tange à privacidade. Por fim, diferentes formas de viver estarão presentes na casa pragmática, onde se primará pelo conforto ambiental através dos equipamentos surgidos ao longo do século XX.

Este artigo traz, portanto, um estudo sobre os diferentes elementos que compõem o significado de conforto, envolvendo seus aspectos físicos e subjetivos, apoiado em uma bibliografia que trata da aplicação direta entre conforto e ambiente construído. Através de outras obras importantes para o estudo da arquitetura, os elementos que compõem a noção de conforto serão mais adiante detalhados.

Duas dimensões para o conforto

(...) o conforto é, ao mesmo tempo, algo simples e complexo. Ele inclui diversas camadas transparentes de sentidos – privacidade, bem-estar, conveniência –, alguns mais profundos do que os outros. (RYBCZYNSKI, 1996, p. 236)

Conforto, portanto, é de fato consolo, e isto não restringe, senão abre o campo do conforto ambiental, a ponto de impor-lhe a interdisciplinaridade como única alternativa de sobrevivência. Espero que o conforto não seja somente ideia e se concretize nos ambientes, dando-lhes sentido. (SCHMID, 2005, p. 329)

Devido à complexidade de se estudar o significado do conforto no ambiente construído, buscou-se aqui estruturar a pesquisa com base em duas obras que tratam especificamente deste tema: Casa - Pequena História de uma Ideia (1996), de Witold Rybczynski; e A Ideia de Conforto: reflexões sobre o ambiente construído (2005), de Aloísio Leoni Schmid. Ambos tratam a ideia de conforto como um conceito construído através da adição de atributos. Isso, contudo não descarta o estudo de trabalhos voltados para o campo da arquitetura como mencionado na introdução.

Nas duas obras selecionadas como norteadoras da pesquisa sobre o significado do conforto (Rybczynski, 1996; Schmid, 2005), identificamos a ideia de que houve uma evolução qualitativa da noção do conforto através do tempo, quando diversos atributos foram adicionados ao significado de conforto. A adição de tais atributos é responsável pela complexidade desse significado que acabou por englobar as dimensões físicas e subjetivas.

A evolução da ideia de conforto aplicada ao contexto doméstico significa mais do que a procura pelo bem-estar: “ela começa com uma visão da casa como um ambiente para o aparecimento da vida interior” (Rybczynski, 1996, p. 48). Logo, a construção da ideia de conforto aplicado à moradia se deu de acordo com a evolução das aspirações subjetivas de seus ocupantes: primeiro, a busca pela segurança contra estranhos e intempéries; depois pela privacidade; seguida pela domesticidade, tornando este abrigo um lar; conforto ambiental e eficiência foram reconhecidos posteriormente; e por fim, foi valorizada a beleza, por meio do estilo e da austeridade (Rybczynski, 1996).

Outro estudo que trata da busca de um significado de conforto aplicado ao ambiente construído, é o de Aloísio Leoni Schmid (2005). Esse autor recorreu ao campo da saúde, também concluindo que houve uma evolução do conceito de conforto, partindo do contexto corporal, no qual há o alívio da dor (ausência de desconforto), chegando aos contextos sociocultural e ambiental, quando o conforto passa a ter um sentido mais amplo, ligado à satisfação de aspectos mais subjetivos do ser humano.

A realização do conforto ocorre através de diferentes contextos. O primeiro deles, o contexto físico, está ligado às necessidades físicas dos mecanismos

corporais, como o metabolismo. O segundo é o contexto psicoespiritual, relacionado às crenças em um plano espiritual e a uma consciência de si, o que pode ser exemplificado pelo conforto encontrado em uma religião; já o contexto sociocultural está ligado às relações familiares e sociais, bem como às tradições e rituais, podendo ser exemplificado pelo apoio da família ou pelo rito que precede o processo de alta no caso de internação. Finalmente, o contexto ambiental refere-se ao que se dá independente do ser humano – temperatura, som, odor, paisagem, entre outros, podendo ser exemplificado pela adequação das adaptações ambientais com a minimização de odores e ruídos e a disposição de mobiliário confortável (Schmid, 2005).

Logo, Schmid (2005) também considera que o conceito de conforto deve ser entendido como atributos que levem em consideração os aspectos físicos (contexto corporal) e subjetivos (contexto sociocultural) através de três valores: comodidade, adequação e expressividade. A comodidade está relacionada à ausência do desconforto em relação a ar, luz, som, calor e superfícies. A adequação é a adaptação do conforto às exigências produtivas, não estando relacionada ao ambiente residencial. E a expressividade é associada à forma do ambiente, que está atrelada à função, pois só faz sentido se vinculada à comodidade da proteção.

Partindo da proposta dos dois autores acima – a de que a ideia de conforto é composta por contextos físicos e subjetivos –, foram aqui categorizados os elementos que compõem a ideia de conforto, formando um conjunto de atributos.

Atributos de contexto físico

Os atributos de contexto físico são aqueles que garantem o conforto do ponto de vista da integridade física humana. Logo, estariam ligados à ideia de alívio do desconforto consequente das sensações de dor e/ ou insegurança, originados da exposição direta ao ambiente natural e ao perigo.

Os atributos de contexto físico vão formando uma base sólida para que as necessidades primárias se cumpram, ao mesmo tempo em que os atributos de contexto subjetivo vão se agregando e consolidado a noção de bem-estar.

a) Segurança

Em sua investigação sobre primeira cabana primitiva, Rykwert (2003) descreve como a história da arquitetura aborda o primeiro espaço de abrigo humano, cujas funções seriam variadas, possuindo em comum a busca pela proteção. A ideia central do estudo de Rykwert (2003) é a de que um dos principais elementos motivadores da construção da cabana primitiva foi a busca pela segurança. A segurança acaba sendo um atributo de conforto primordial, pois funciona como base para o bem-estar, protegendo o homem contra os efeitos diretos das intempéries. Esse atributo estaria presente na obra de Schmid como um pas-

so após o alívio do desconforto (ou dor): seria a liberdade. Ou seja, a partir do momento em que o “homem primitivo” passa pelo desconforto proporcionado pela hostilidade ambiental – tempestades, sol, doenças, inimigos – ele constrói seu abrigo.

Consubstanciando essa ideia, vemos que para Heidegger (2008) o princípio do habitar é resguardar. Resguardar é, em sentido próprio, algo positivo e acontece quando deixamos alguma coisa entregue de antemão ao vigor de essência, tendo “correspondência com a palavra libertar (freien): libertar para a paz de um abrigo. Habitar, ser trazido à paz de um abrigo, diz: permanecer pacificado na liberdade de um pertencimento, resguardar cada coisa em sua essência”. (Heidegger, 2008, p. 129)

Com isso, observa-se a que a segurança é um atributo primordial para se viver o conforto, pois ela está na base da própria existência, e, por conseguinte do habitar. Tal segurança se dá com relação não só às intempéries, mas também com relação a outros sujeitos.

b) Adequação ambiental¹

A ideia de Laugier para a criação da cabana primitiva relacionava a segurança associada ao desconforto oferecido pela exposição do homem à natureza. Contudo, para se ter conforto, é necessário que a habitação seja mais do que abrigo. Tal constatação já foi vista na definição sobre conforto no ambiente construído, quando Rybczynski (1996) afirma que a noção do conforto tem início com a busca pela adequação ambiental da moradia.

Com a finalidade de obter um equilíbrio biológico entre o meio e seu corpo, o ser humano desenvolve várias reações físicas e psicológicas, buscando, assim, o mínimo de dispêndio de sua própria energia. Olgay (1998) define uma zona na qual o homem gasta esse mínimo de energia para se manter em equilíbrio com o meio, liberando o restante da energia para a produtividade. Essa se denomina zona de conforto e tem como principal lócus a residência, dotada das melhores condições de habitabilidade, satisfazendo todas as necessidades fisiológicas humanas.

Nos escritos de Vitruvio (2006) podemos encontrar a preocupação com a adequação entre arquitetura, clima e os efeitos dessa adequação para a saúde. Para ele, era preciso que o arquiteto conhecesse, dentre outras, a disciplina da medicina. Com esse conhecimento ele poderia conciliar o clima, a qualidade do ar, da água e do sítio, proporcionando uma habitação saudável. Em seus princípios – solidez, funcionalidade e beleza –, a funcionalidade é definida como a correta adequação do uso do solo e orientação de cada cômodo com relação à exposição solar.

¹ Para fins deste trabalho, a adequação ambiental será definida como o conforto ambiental associado ao saneamento.

Elementos construtivos constituem-se em um importante recurso caso não haja a possibilidade de se ajustar a orientação dos compartimentos com relação à radiação solar. A escolha dos materiais de construção é outro recurso para se buscar a adequação ambiental nas edificações. Quando não é possível atingir a adequação ambiental de forma natural, ou por meio de materiais e técnicas construtivas, é possível, ainda, lançar mão da tecnologia. A evolução tecnológica oferece, ao longo do tempo, uma série de mecanismos que objetivam a adequação entre o homem e o ambiente construído.

No ambiente doméstico, o emprego da tecnologia teve início com o objetivo de se melhorar a qualidade do ar interno, prejudicada pela fumaça proveniente das lareiras. A preocupação com a qualidade do ar no interior das moradias tornou-se intensa a partir do século XIX, quando se objetivou, nas grandes cidades, a redução das fontes de poluição externas, além daquela gerada pelos próprios ocupantes. Tinha-se o conhecimento de que a respiração produzia dióxido de carbono e sua acumulação no ambiente poderia ser nociva à saúde e ao conforto (Rybczynski, 1996).

A tecnologia irá extrapolar os limites da adequação ambiental, trazendo melhorias também para as atividades domésticas cotidianas, através da inserção de equipamentos. Com isso será observada uma nova postura perante a moradia em sintonia com o momento histórico pontuado pela Revolução Industrial. O espaço da casa será então redimensionado, de maneira a aperfeiçoar as atividades domésticas, através da inserção do conceito de eficiência.

c) Eficiência

O conceito de eficiência aplicado à habitação foi uma abordagem muito utilizada por Le Corbusier (2004). Para ele, o paradigma do século XX era a máquina, elemento em cujo conceito se empregava fundamentalmente a eficiência. A “máquina de morar”, sua concepção do que deveria ser a moradia, pode ser resumida como o espaço mínimo, flexível e confortável para habitar, aberto para a iluminação e a ventilação, e com móveis que respondam com eficiência as suas utilidades e circulação adequada. A planta livre, conseguida através da libertação das paredes da função estrutural, permite a adequação da casa a cada família. O mobiliário seria pré-fabricado e integrado à moradia, com o objetivo de atender às necessidades das atividades humanas.

Esse conceito de eficiência aplicada à redução do espaço construído foi um assunto estudado desde o início do século XX. Citamos aqui um trabalho voltado à aplicação das ideias contidas na organização das fábricas, na produção das tarefas diárias: o livro escrito por Christine Frederick, *Household Engineering: scientific management in the home*, publicado em 1919. Na introdução, a autora coloca seu problema pessoal: como cuidar das tarefas domésticas, dos filhos e ainda ter tempo para os interesses próprios? Esse questionamento foi o motivador de sua pesquisa, que durou cinco anos, e se baseou na aplicação

de conceitos de gerenciamento às tarefas domésticas. A primeira intervenção espacial que ela propõe é a redução da cozinha, que deveria ser compacta. A segunda é localizar os armários próximo aos locais onde serão realizadas as tarefas, para se “economizar passos”. Com esse mesmo objetivo, e pretendendo-se ainda evitar o cruzamento de fluxos, Christine propõe a divisão do ambiente da cozinha em dois setores, de acordo com as tarefas de preparo da comida e higienização da louça. Os equipamentos e a mobília seriam, então, dispostos de acordo com a ordem das etapas de cada tarefa.

Uma preocupação já apresentada por Christine Frederick, que vai se tornar mais efetiva no pós-guerra, refere-se à ergonomia. A autora não teria falado exatamente nesse termo, pois ele surgiria anos depois, mas suas preocupações relacionadas à altura das superfícies e emprego de materiais e condicionamento lumínico dos locais de trabalho estariam em consonância com a questão da ergonomia, que trata efetivamente da adaptação do trabalho ao homem (Lida, 2003).

Para Christine Frederick (1919) além da eficiência no arranjo dos móveis, a cozinha deveria apresentar armários e superfícies de trabalho com altura adequada. A autora recomenda, ainda, a utilização de “banquinhos” com altura apropriada às atividades de lavar louça, limpar e descascar verduras ou até mesmo descansar. Le Corbusier também vai considerar o conforto trazido pela adequação entre o homem, os objetos domésticos e a arquitetura. No entanto, ele vai estabelecer um conceito de homem tipo, o qual vai gerar o sistema de proporções chamado modular. Um fato interessante é o de que Christine não estabelece uma altura típica para bancadas e mesas, mas ela explica, com esquemas que mostram detalhes de marcenaria, como adaptá-las à altura mais conveniente.

Atributos de contexto subjetivo

Por se constituir de um produto cultural a ideia de conforto carrega consigo uma gama de elementos subjetivos. Esses elementos atuam junto com os elementos físicos para a realização do conforto pleno. Dessa forma, todos os atributos descritos acima possuem uma estreita relação de condicionamento e complementação com os listados a seguir, pois a casa não proporciona “apenas refúgio físico, mas também psicológico” (Botton, 2007, p. 10). Os atributos apresentados a seguir possuem como elo o fato de se desenvolverem em um contexto subjetivo, possuindo forte marca cultural. O atributo território, por exemplo, está ligado à segurança. Contudo, sua inserção no contexto cultural torna-o um elemento carregado de subjetividade.

a) Território

Sobre território, podemos encontrar a definição dada por Fischer (1994):

O conceito de território designa assim o uso que fazemos dos lugares segundo os significados psicológicos e culturais que lhe conferem quadros sociais. Um território corresponde geralmente a um espaço físico delimitado; é muitas vezes organizado para uma actividade definida e para acolher uma pessoa ou um grupo; traduz-se por uma configuração particular de acordo com as funções que acolhe, e determina um estilo de ocupação do espaço para aqueles que lá se encontram. (Fischer, 1994, p.23)

Tendo como tema central a abordagem do espaço através de elementos socio-culturais, o trabalho de Fischer traz uma concepção de território como delimitação de um espaço por um sujeito, através de objetos que marcam os lugares, ou através de limites, que o autor chama de fronteiras, que podem ser materiais ou simbólicas.

O Território tem estreita ligação com a sensação de segurança. Segundo Hall (2005), a territorialidade é “definida como um comportamento por meio do qual um organismo caracteristicamente reivindica a posse de uma área e a defende dos membros de sua própria espécie” (Hall, 2005, p. 10). Uma das funções dessa territorialidade é o controle da densidade, já que, de uma maneira geral, a densidade pode vir a causar conflitos. Esse conflito pode ser evitado, contudo, se cada sujeito tiver seu próprio território (Sommer, 1973). Esse espaço físico delimitado pode abranger desde a escala de um pequeno cômodo ou ir além da escala de uma grande cidade, desde que guardados os laços que formem grupos que se identifiquem.

A identidade de cada sujeito ou de um grupo está presente no espaço através do mecanismo de apropriação. Sobre este mecanismo, será tomada como referência do trabalho de Fischer (1994), que define apropriação como um processo de “ação e intervenção sobre um espaço, a fim de o transformar e personalizar; este sistema de influência sobre os lugares engloba as formas e tipos de intervenção sobre o espaço que se traduzem em relações de posse e apego.” (Fischer, 1994, p. 82) Através da apropriação, estrutura-se o espaço a partir de objetos que correspondam às necessidades dos sujeitos, conferindo ao mesmo um sentido de pertencimento. Ainda segundo esse autor, a apropriação se realiza melhor quando um ambiente é projetado não apenas para atender a uma atividade específica, mas para possibilitar a inserção de outras atividades. Com isso, a flexibilidade é um importante fator para a garantia da apropriação.

b) Lar

A “palavra ‘home’ (lar) reuniu os significados de casa e família, moradia e abrigo, de propriedade e afeição” (Rybczynski, 1996, p. 73). O significado da palavra “lar” - encontrado nos dicionários de língua portuguesa - remete à parte da cozinha onde se acende o fogo, tendo como sinônimos as palavras casa e família. Este significado pode ter sido influenciado pelos gregos, os quais cultuavam o

fogo no interior de suas casas. A moradia grega geralmente continha um altar, no qual estavam sempre presentes brasas e cinzas. O dono da casa tinha a obrigação de manter aceso o fogo do altar, pois o “fogo só deixava de brilhar sobre o altar quando toda a família estivesse extinta; lar extinto, família extinta, eram expressões sinônimas entre os antigos” (Coulanges, 2003, p. 27). Lar remete ao aconchego, à reunião da família e às lembranças (memórias contidas no lar).

Desta forma, a moradia toma outro sentido quando configura o abrigo familiar, seguro por comportar relações de pessoas tão próximas, que estabelecem redes de amparo e confiança. Nas palavras de Alain de Botton “lar é qualquer espaço que consiga tornar mais consistentemente disponível para nós as verdades importantes que o mundo mais amplo ignora, ou que nosso eu distraído e indeciso tem dificuldade de manter” (Botton, 2007, p. 121, 123). É como se o ambiente que se torna lar trouxesse consigo outro atributo de conforto, o aconchego, composto por aquele pequeno caos organizado que gerenciamos com nossos objetos de uso diário. Essa é a essência do aconchego: nossa marca territorial, o que nos é familiar. O lar guarda nossa identidade. Guarda, ainda, o que nos é caro, o que o diferencia das construções residenciais alheias.

Acerca desse ambiente, que é habitado por nós e por entes queridos e que por essa razão recebe status de lar, sempre fazemos referências. E desse lar sempre há lembranças. Simples lembranças que podem ser de uma conversa, um entendimento, de um cheiro diferente e agradável. Esse lar guarda também nossa história. Quando fala sobre a nostalgia, Rybczynski (1996) atribui o desejo de se estabelecer referências no passado, como uma alternativa a um mundo com mudanças rápidas e constantes. E a casa aí é um abrigo, um espaço controlado, onde as relíquias podem ser guardadas, onde se pode reencontrar em lembranças e objetos o alívio de algum mal passageiro.

c) Privacidade

O lar compreendido por uma família é formado por cada sujeito a ela pertencente. Embora fazendo base de uma coletividade, cada sujeito precisa de momentos de isolamento ou de compartilhar com outra pessoa um momento íntimo. É importante notar, no entanto, que esse atributo foi uma conquista realizada ao longo da história sendo, sobretudo, influenciado pela cultura. Na Idade Média, por exemplo, não havia privacidade. As pessoas dividiam o mesmo cômodo, o único da moradia, que recebia as múltiplas funções cotidianas. A família era composta pelos pais, filhos pequenos, aprendizes e empregados. A moradia também era utilizada para o trabalho, fazendo com que tivesse um caráter público.

A obra de Vitruvius (2006), contudo, trazia a preocupação com a privacidade, tratando a casa dividida em “compartimento dos próprios donos”, local privado e “espaços comuns” destinados às pessoas estranhas.

Ao longo da história, as casas foram se verticalizando, possibilitando a divisão dos compartimentos e, assim, ganhando privacidade. Embora as atividades permanecessem compartilhadas em um mesmo cômodo, já se podiam separar senhores de serviçais, público e privado, dentre os diferentes pavimentos da moradia. Começam a ser separados os quartos de dormir. Há uma divisão da casa que vai do público – andares inferiores - ao privado - andares superiores. A cozinha separa-se do restante da casa, devido aos odores. Em alguns casos, a moradia vai se separando dos locais de trabalho, o que a torna mais privada.

d) Beleza

A respeito da beleza podemos iniciar com o conceito de belo como imitação da natureza. Botton (2007) considera que obras de arte “são belas quando conseguem evocar aqueles que nos parecem ser os atributos mais atraentes e significantes dos seres humanos e animais” (Botton, 2007, p. 84). Essa concepção é importante, pois será a referência preconizada por Le Corbusier (2000) quando afirma que os engenheiros nos satisfazem os olhos a partir dos cálculos de acordo com as leis do universo, direcionando suas obras à grande arte.

Além das qualidades relacionadas à mimese da natureza, podemos nos satisfazer pelos valores que nele se encontram rebatidos. Desta forma, “os prédios que admiramos são aqueles que, de diversos modos exaltam valores que pensamos valerem a pena (...) como amizade, bondade, sutileza, força e inteligência. Nosso senso de beleza e a nossa compreensão do que é viver bem estão interligados” (Botton, 2007, p. 98).

Conclusão ou síntese dos atributos de conforto

Através da definição dada no início desse capítulo, o significado de conforto é composto por diversos atributos organizados em duas dimensões, uma física e outra subjetiva. A primeira está ligada aos anseios mais primitivos do ser humano, enquanto que a segunda relaciona-se ao que é difícil de mensurar, mas é imprescindível para a sensação do bem-estar. As duas dimensões funcionam sempre interligadas, uma sustentando a outra. A tabela síntese a seguir mostra os atributos de conforto acima definidos, divididos pelos contextos onde se realizam:

TABELA 1: Atributos do conforto em arquitetura.

Atributos de contexto físico	Atributos de contexto subjetivo
Segurança	Território
Eficiência	Lar
Adequação Ambiental	Privacidade
	Beleza

Fonte: autores

Os atributos de contexto subjetivo são interligados por estarem correlacionados às sensações que o ambiente residencial pode trazer. O lar é o território destinado à família, que dele se apropria dotando-o de identidade. É onde a família encontra aconchego e privacidade diante do mundo exterior. É também um refúgio para as lembranças. Para que se constitua o conforto, tais atributos deverão estar ligados aos de contexto físico, ou seja, um lar é um território seguro e adequado do ponto de vista ambiental. Beleza e eficiência são atributos que complementam a noção do conforto, sendo a busca dos moradores em suas moradias.

Referências

- ÁBALOS, Iñaki. **A boa-vida: Visita guiada às casas da modernidade**. Barcelona, Editorial Gustavo Gilli, 2008.
- ALEXANDER, C. **El Modo intemporal de construir**. Barcelona, Editorial Gustavo Gilli, 1981.
- BOLLNOW, O. F. **O Homem e o Espaço**. Curitiba, Editora UFPR, 2008.
- BOTTON, A. **A Arquitetura da Felicidade**. Rio de Janeiro, Rocco, 2007.
- CORBUSIER, Le. **Por Uma Arquitetura**. 6. ed. São Paulo, Editora Perspectiva, 2000.
- _____. **Precisões: Sobre um Estado Presente da Arquitetura e do Urbanismo**. São Paulo, Cosac & Naify, 2004.
- COULANGES, F. **A Cidade Antiga**. Martin Claret, São Paulo, 2003.
- EKAMBI-SCHMIDT, J. **La percepción del hábitat**. Barcelona, Gustavo Gilli, 1974
- FREDERICK, C. **Household Engineering: scientific management in the home**. Chicago: American School of Home Economics, 1919. Disponível em <<http://www.archive.org/details/householdengine00fredrich>>. Acessado em 29 de Setembro de 2007.
- FISCHER, Gustave-N. **Psicologia Social do Ambiente**. Lisboa, Instituto Piaget, 1994.
- HALL, E. **A Dimensão Oculta**. São Paulo, Martins Fontes, 2005.

HEIDEGGER, M. **Ensaios e conferências**. 5.ed. Petrópolis, Editora Vozes, 2008.

JACOBS, J. **Morte e Vida de Grandes Cidades**. 2.ed. São Paulo, Editora WMF Martins Fontes, 2009.

LIDA, I. **Ergonomia: projeto e produção**. São Paulo, Ed. Edgard Blücher, 2003.

OLGYAY, V. **Arquitetura y Clima: Manual de Diseño Bioclimático para Arquitectos y Urbanistas**. Barcelona, Gustavo Gili, 1998.

RYBCZYNSKI, W. **Casa: Pequena História de Uma Ideia**. Rio de Janeiro, Record, 1996.

RYKWERT, J. **A Casa de Adão no Paraíso: a Ideia da Cabana Primitiva na História da Arquitetura**. São Paulo, Perspectiva, 2003.

SCHMID, A. **A ideia de conforto: reflexões sobre o ambiente construído**. Curitiba, Pacto Ambiental, 2005.

SILVA, H. **Espaço Mínimo para a Máxima Existência: o conforto no Conjunto Pedregulho**. Rio de Janeiro, PROARQ, 2011.

SOMMER, R. **Espaço Pessoal: As Bases Comportamentais de Projetos e Planejamentos**. São Paulo, EPU, Ed. da Universidade de São Paulo, 1973.

SUCHER, D. **City Comfort: how to build an urban village**. Seattle, 2010.

VITRUVIO. **Tratado de Arquitetura**. Lisboa, IST PRESS, 2006.